



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

09 DE AGOSTO  
PALÁCIO DO PLANALTO  
BRASÍLIA-DF  
MENSAGEM DIRIGIDA AO PLENÁRIO  
DA II CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES  
UNIDAS, REUNIDA EM VIENA, SOBRE  
A EXPLORAÇÃO E O USO PACÍFICO  
DO ESPAÇO EXTERIOR

**Senhoras e Senhores Participantes da II Conferência  
das Nações Unidas sobre a Exploração e os Usos  
Pacíficos do Espaço Exterior:**

Os trabalhos a que estareis dedicados constituem o setor mais avançado da atividade humana. Durante toda a história da Humanidade, a contemplação do espaço deu-nos matéria para reflexão religiosa e enriqueceu a memória dos povos com mitos celestes; alimentou as idéias dos primeiros matemáticos e orientou os rumos dos espíritos aventureiros que se lançavam ao mar guiados pelas estrelas; deu aos administradores a noção de que as estações estavam associadas aos movimentos dos astros, ajudando-os nas tarefas do plantio e da colheita, que representavam a vida para seus povos.

Passaram-se os séculos. Expandiu-se enormemente o conhecimento humano. Em relação ao espaço, entretanto, nosso progresso esteve preso à terra e cercado por sua atmosfera. Mentes excepcionais se aplicaram aos problemas do Cosmos e, ainda, que limitadas aos dados

obtidos com instrumentos óticos, transformaram nossa concepção do Universo. Mas nunca puderam levar seus instrumentos mais alto do que os picos das montanhas e o próprio ar que nos dá vida filtrava e deformava os dados de suas observações. Em nosso tempo, depois dos passos precursores da rádio-astronomia, a situação transformou-se radicalmente. As últimas três décadas viram o nascimento de uma nova ciência espacial, complexa e multidisciplinar, na qual se entrelaçam a física e a biologia molecular, a medicina e a navegação, a metalurgia e o estudo da propagação eletromagnética, a geologia dos corpos celestes e a química da combustão, todas elas e muitas outras formando um todo interdependente.

Esses novos conhecimentos e novas técnicas já produzem efeitos importantes em nossas sociedades. A consciência de que estamos todos sendo afetados pelos primeiros passos do homem no campo espacial trouxe a Viena, quatorze anos atrás, a comunidade internacional e volta a reuni-la hoje, ao mesmo local, para apreciar o progresso ocorrido desde a primeira Conferência do Espaço e para tentar traçar os rumos futuros de cooperação internacional na exploração e utilização do espaço exterior. De 1968 até hoje, grandes avanços foram registrados, a maioria dos quais resultante dos esforços dos países mais prósperos e melhor equipados em ciência e tecnologia. Outros países, e o Brasil entre eles, embora sofrendo as limitações impostas por seu estágio de desenvolvimento, têm conseguido resultados positivos, embora mais modestos, na ciência e nas aplicações espaciais.

Desejo reiterar nossa disposição firme e aberta de cooperar com todos os países — e particularmente com os países em desenvolvimento — nos ramos da ciência e da utilização do espaço que estejam ao nosso alcance.

Menciono a experiência brasileira em sensoriamento remoto, em telecomunicações por satélite, na construção e no uso de foguetes e balões de sondagem, na informática para aplicação espaciais, na astrofísica e na meteorologia como alguns dos vários campos de possível cooperação do Brasil com outros países.

Pela própria importância da matéria que ocupa esta Conferência, não pode ela ser vista ou tratada isoladamente, como tema para o laboratório, a universidade ou o instituto de pesquisa. Menos ainda podem os meios de informação, comunicação e de expansão do conhecimento aqui examinados ser objeto de discussão técnica, desvinculada dos fatos econômicos, sociais e políticos de nosso Planeta. Nada conterà um elemento de risco maior do que pretender que a ciência existe em abstrato, sem influenciar o relacionamento humano ou por ele ser influenciada. Lembro à Conferência a importância de alguns dos temas a serem tratados e como transcendem as fronteiras da preocupação científica e tecnológica, atingindo o próprio cerne das nossas concepções a respeito do que são os Estados.

Mencionarei, em primeiro lugar, o sensoriamento remoto da Terra por meio de satélites. Este instrumento oferece-nos um conhecimento anteriormente impossível dos nossos recursos naturais, dando aos nossos olhos uma visão sem precedentes das existências de minérios, do crescimento das colheitas, da boa ou má utilização das florestas, das correntes marinhas e das massas atmosféricas que afetam nossa vida e nossa subsistência, dos efeitos da poluição, do crescimento urbano, oferecendo, enfim, uma variedade quase ilimitada de informações úteis e importantes para uma vida mais organizada e mais produtiva. Simultaneamente, esta ferramenta múltipla afeta os conceitos tradicionais de segurança,

violando a noção de privacidade nacional e até, como indica o documento de trabalho da Conferência, caminhando para a violação da privacidade individual. O sensoramento remoto pode atingir a soberania dos Estados sobre os seus recursos naturais e prejudicar a capacidade dos países de negociar a venda de seus produtos agrícolas a preços justos e equitativos. Temos, pois, de estabelecer princípios que regulem o seu uso para fins construtivos e impeçam seu abuso.

O segundo ponto de preocupação é o da transmissão direta de televisão por satélites. Esta atividade espacial está em vias de tornar-se realidade, oferecendo aos povos da Terra oportunidades sem par de conhecimento mútuo, intercâmbio de informações, expansão cultural e variado lazer. Traz, contudo, a possibilidade de agressão cultural, de transferência de hábitos e costumes inapropriados a realidades nacionais e de interferência nos assuntos internos dos Estados. No dia de hoje, nada é mais precioso para cada um de nós do que a nossa cultura nacional, baseada em tradições éticas, numa história e numa língua nacional, em maneiras de agir e de ser que identificamos como nossas e que dão à espécie humana a variedade que nos enriquece a todos. Sugiro, portanto, que no exame da transmissão direta de televisão por satélite, a Conferência pense não só nos benefícios que podemos colher por esse meio, mas nos problemas que, pelo entendimento entre as nações a seu respeito, cumpre a todos nós evitar.

Finalmente, não posso deixar de mencionar a preocupação do meu Governo com a possibilidade crescente da utilização do espaço exterior para usos belicosos. Já hoje, os limites inferiores do espaço são passagem obrigatória para engenhos de destruição em seus ensaios. A existência desses instrumentos de destruição

em massa, abrigados na superfície terrestre ou escondidos nos oceanos é, em si mesma, terrível e suficiente ameaça para todos nós. Não creio que a invenção de novas armas e sua colocação no espaço vá, de maneira alguma, aumentar a segurança de qualquer país. Parece-me antes que a multiplicação de armamentos deve ser detida e anulada em todos os ambientes e que esta Conferência, fazendo jus ao seu nome, pode contribuir para que o Espaço Exterior continue como a última região ao alcance do homem totalmente livre de armas.

Em nome do Governo e do Povo brasileiros, cumprimento o Presidente da Conferência e os seus colegas da Mesa e desejo a todos os participantes um trabalho harmonioso e frutífero, que contribua para a paz e o progresso da Humanidade.

Muito obrigado.